



Forjães | Moreira
renasceu para o futebol
«Estou a viver a melhor época»

SP Arcos | Alex capitão em entrevista
«Ganhar sete jogos seguidos
não é para qualquer equipa»

Reportagem sobre o [Rali de Portugal](#)

POLÊMICA CONTINUA NO FC AMARES

Clima de alta tensão na AG

Entrevista com o Presidente Adjunto [Domingos Silva](#)

P. 2-4

LANDAM À PROCURA DE OURO ONDE ELE NÃO EXISTE

«Estou cheio de hipócritas,
marquem eleições»

• Com poucos recursos
continua a formar campeões



• [Filipe Lopes](#) é o novo
campeão regional

• «Isto começa a cansar e a
desanimar»

P. 13 // CDRC AMARENSE

P. 14-15 // CN PRADO

[Nacional de Maratonas](#) regressa à praia do Faial

CLUBE QUER REVALIDAR TÍTULO NACIONAL

Entrevista

[Maria Gomes](#)

• Excelência dentro
e fora de água

• Canoísta conquistou
pódios em todas as distâncias

• Entrou em Economia
com média de 18.5



• [Hugo Santos](#)
vai recandidatar-se

• Clube já escolheu
o [novo treinador](#)

• [Equipa feminina](#)
luta pela subida

P. 6-7 // LANK VILAVERDENSE FC

• [Direcção](#)
fica mais um ano

• [Novo sintético](#)
no arranque
da nova época

• [Kiko](#) projecta-se
na equipa principal

P. 5 // GD PRADO



RIBEIRA DO NEIVA

• [Diogo Pereira](#)
já trabalha como Presidente

• «Não vamos viver
obcecados pela subida»

• «Um passo em falso
pode deitar tudo a perder»

p.10-11



GD CALDELAS

• [Domingos
Lima](#)
é o novo
Presidente

• *Promete
o mesmo
rigor
financeiro*

• [Vitinho](#)
convidado
a renovar

p.12



FC AMARES - DOMINGOS SILVA

«SE O PRESIDENTE DECIDIR CANDIDATAR-SE NÃO O ABANDONO»



► ► Domingos Silva abordou momento conturbado do FC Amares

Domingos Silva, mais conhecido por “Mingota”, escolheu a tranquilidade do Monte de S. Pedro Fins para falar do momento «conturbado» e «triste» que o FC Amares vive. O Presidente-adjunto do FC Amares pediu «união» a todos os amarenses e culpou duas pessoas (“Celinho” e Edgar Gonçalves) pela agitação em que tem vivido o clube nos últimos tempos.

«Estão a minar isto tudo. Pegaram numas bombinhas de Carnaval, incendiaram-nas e elas nunca mais pararam de estalar. Peço que acabem com essa história. Já chega, vamos todos unidos construir um FC Amares ainda mais forte», pediu o associado, que entrou para o clube no ano de 1971.

«Não é normal, nem justo o que se tem passado e dito nas Assembleias-Gerais. Como amarenses, sócio número 73 e Presi-

dente-adjunto, fico triste com toda esta situação, porque o FC Amares não é um clube de cangosta, mas sim de todas as Freguesias do Concelho. Há que respeitar e honrar este símbolo», atirou.

Esta situação que o clube está a viver deixa-o triste?

Claro que sim. É por isso que neste momento estou junto à capelinha de S. Pedro Fins para reflectir e falar um pouco das coisas que têm acontecido nos últimos tempos no FC Amares. Andam a procurar ouro onde ele não existe, a querer descobrir problemas onde eles não existem. Qual o problema do FC Amares? Foi pagar quase 40 mil euros de dívidas? Ter 40 lonas todas pagas? Não dever nada a ninguém? Ter umas instalações como não se via há muitos anos?

Não percebo...

Tem sido difícil gerir o clube em tempo de pandemia?

A nível desportivo, não é fácil dirigir este clube nos tempos em que vivemos. Vamos para o segundo ano sem realizar a festa de Santo António, temos o bar fechado, não temos receitas, não temos patrocínios. No entanto, temos uma equipa a competir, uma equipa técnica contratada, seguros a pagar, inscrições, ou seja, uma série de despesas que esta Direcção tem a responsabilidade de cumprir. Sinto-me triste e às vezes pergunto: onde estão os amarenses?

Sentem a falta de apoio dos sócios?

O FC Amares tem uma Direcção do melhor que existe. É claro que a pandemia afas-

tou alguns elementos, que eram pais dos jogadores da formação e que nos fazem muito falta. Somos poucos mas bons.

E como avalia o trabalho do actual Presidente?

O FC Amares tem um Presidente [Olivier Silva] que faz inveja a muita gente, trabalha muito para o clube. Fez num ano o que muitos não fizeram em 10. Estão preocupados com as facturas mas o clube não deve nada a ninguém. Chega de insinuar coisas, primeiro foi os sócios, depois as facturas. Pagou 40 mil euros de dívidas, hoje tem tudo em dia. Nada foi feito sem conhecimento dos directores e, no caso da compra dos robôs para cortar a relva, a Câmara Municipal também foi ouvida e vai poupar muito dinheiro. Andam a dizer que nos servimos do bar para conta própria, que ficamos com o dinheiro das lonas. Quem controlava as contas era a Tesoureira do FC Amares. Não fizeram transferências para o Presidente, mas para a empresa de que ele é sócio. Não entrou nem saiu dinheiro que não fosse controlado pela nossa Tesoureira que estava a fazer um grande trabalho, mas não aguentou a pressão.



**O FC AMARES
NÃO É UM CLUBE
DE CANGOSTA, MAS SIM
DE TODAS AS FREGUESIAS
DO CONCELHO**



Vai continuar a apoiar o Presidente?

Se o Presidente decidir candidatar-se não o abandono. Numa semana ou duas arranjo 10 ou 15 pessoas para fazer uma Direcção, é o que tenho feito ao longo destes anos. Se o Olivier não ganhar, estarei cá para os ajudar, mas atenção: se tomar um café quero uma factura e não vou estar cinco anos sem pagar quotas. Estou com ele porque acredito no seu valor. Somos gente séria e não dá para roubar no Amares, meus senhores.

Parece que nesta altura existem duas facções no clube.

O senhor Presidente da Assembleia-Geral [Edgar Gonçalves] foi um homem convidado por mim, trabalhou comigo na Direcção do senhor Alberto Mendes e nunca o ouvi perguntar quanto se gastava ou para onde ia o dinheiro da formação. Todos os directores mais próximos do Presidente sabiam de tudo o que se passava com a compra dos equipamentos e das outras situações. O Presidente da AG está a atear o fogo colocado por um ex-director, que também fui eu que convidei para fazer parte da Direcção. O grande cancro é o Sérgio Ferreira (“Celinho”), que era o Vice-presidente do FC Amares. Foi ele quem criou esta complicação toda.

«O Presidente da AG é um pau mandado»

Dirigente diz que a “pandemia” foi provocada por duas pessoas

Domingos Silva diz que os grandes responsáveis por esta crise no FC Amares têm dois rostos: Edgar Gonçalves, Presidente da AG, e Sérgio Ferreira, ex-Vice-Presidente do clube, que na sua opinião «estão a denegrir a imagem do FC Amares».

Assume-se como um crítico do Presidente da AG?

Esta pandemia no FC Amares foi provocada por duas pessoas que arrastaram depois outros. O Presidente da AG é um pau mandado, ele e o fogueteiro [Celinho] é que estão a denegrir a imagem do FC Amares. Estão a mexer com pessoas que estão a trabalhar, andam à procura de gatunos, mas eles não estão no FC Amares. As contas foram explicadas, e bem, pelo Tesoureiro do clube. Todos sabem que o Amares não tem dinheiro para desviar, pois nunca acaba uma época com saldo positivo. Quando entrámos, pagámos três meses de ordenados aos jogadores. Perguntem ao “Celinho” quantas dívidas deixadas pela anterior Direcção pagou. O dinheiro do Santo António foi todo para isso e ninguém se preocupou.

O que se passou na última Assembleia-Geral?

O senhor Presidente da Mesa abriu a sessão com um problema que não existe, perdeu mais de uma hora com esse tema dos sócios que não estão nas folhas. Não fomos nós que os retirámos. Quase cinco anos depois vêm levantar o problema. Não me atirem lama para os olhos.

Quer explicar melhor?

Foram ter com o senhor Campelo para pagar as quotas. Um disse que era o sócio número 96, que por acaso é uma senhora, o

outro disse que era o sócio 90. Só que esse número corresponde a um tio que tinha falecido. Claro que o senhor Campelo não lhe deu as vinhetas. Eles disseram que iam falar com o Presidente da AG, que depois levantou toda aquela polémica na AG. Queria a

toda a força que eles estivessem na Assembleia-Geral quando não têm as quotas em dia. Não queremos fechar as portas a esses senhores, queremos é mais sócios. O senhor do Andrade e Pimenta, que se sempre me recebeu bem quando lhe bati à porta, que

venha para sócio, que venha ao estádio quando quiser. Só peço que não arrastem os assuntos pessoais para o FC Amares. Repito: não me atirem lama para os olhos. Estava tudo combinado para a Assembleia-Geral não terminar.



«Estou cheio de os aturar, cheio de hipócritas»

Presidente Adjunto quer eleições rapidamente



Presidente Adjunto com o Director Albino Campelo

É urgente a marcação de eleições?

O senhor Presidente da AG tem urgentemente de marcar eleições. Estou cheio de os aturar, cheio de hipócritas. Marque eleições, seja o homem por quem sempre tive respeito e admiração. Não é fácil ser Presidente do FC Amares com tanta contabilidade.

Seria positivo para o clube haver mais do que uma lista?

Se surgirem mais listas ainda melhor. Se o Olivier não ganhar, a outra Direcção vai ter o meu apoio, mas não coloquem lá um rapazinho que não sabe nada da vida. Aviso-os, não é fácil. Vejam o que aconteceu há três anos, quando meia dúzia de jovens, cheios de vontade, pegaram no clube. No início foi um mar de rosas, mas depois veio um vendaval que levou tudo. Não estou a criticar, fizeram o que puderam.

«Estou a servir o clube de graça e ainda sou enxovalhado»

Calúnias no Facebook

«Ando revoltado e já fui obrigado a exaltar-me em duas Assembleias, o que não é meu hábito, pois quem me conhece sabe que não falto ao respeito a ninguém. Só que não admito que me faltem ao respeito, ainda por cima pessoas que se diziam minhas amigas. Ler certas coisas no Facebook, que não são verdade, é muito desagradável. É vergonhoso passar a vida a fazer comentários no Facebook e nem terem a coragem de mo dizerem pessoalmente. Outros escondem-se com perfis falsos para caluniarem as pessoas. “Joaquim Silva” [Domingos Silva refere-se a um alegado perfil falso no Facebook], anda tu tomar conta do FC Amares que assim vou-te conhecer. Anda ter comigo, mostra que és homem. Tenho filhos, netos e muito orgulho na minha família. Eu, Domingos Silva, para os amigos Mingota, não quero medalhas, mas que me respeitem. Estou a servir o clube de graça e ainda sou enxovalhado».

FC AMARES

Contas não foram votadas e eleições continuam por marcar

Clima de tensão e ânimos exaltados na última AG do FC Amares



Não correu da melhor forma a última Assembleia-Geral (AG) do FC Amares, que serviria sobretudo para discutir e votar as contas do clube e marcar a data para as eleições dos órgãos sociais, que normalmente se realizam no mês de Março. A reunião magna, que decorreu na Escola Secundária, iniciou-se uma hora mais tarde e o primeiro ponto da ordem de trabalhos (informações) levantou logo muita polémica, num prenúncio de que as coisas não iriam terminar bem.

A validade da inscrição de dois associados, que segundo a Direcção não constam da lista de sócios que esta recebeu, e que por isso não puderam regularizar a sua situação, motivou desde logo uma discussão entre os vários intervenientes na sessão.

Depois de ultrapassado este ponto de discordância, dois associados pediram esclarecimentos: um sobre as moratórias e outro sobre um e-mail enviado para o clube para analisar a informação contabilística que iria ser discutida na AG. Uma situação que levantou de novo uma onda de contestações, levando mesmo o Presidente do clube, Olivier Silva, a intervir.

«Há aqui três ou quatro pessoas que não deixam isto parar por aqui. Há aqui gente de má-fé, não quer uma explicação, mas

sim a “morte” do Presidente. Isto não é uma Assembleia-Geral, é um tribunal, é um julgamento de sete ou oito pessoas contra uma pessoa», atirou.

Ausência do contabilista

O ambiente começou a “aquecer” ainda mais quando se passou para a apresentação, análise e votação da conta de gerência e relatório do exercício económico de 2020. Devido à ausência do contabilista Jaime Rodrigues, foi o Tesoureiro do clube, Cristóvão Gomes, quem tomou a palavra para apresentar as contas, o que levou o Presidente da Mesa, Edgar Gonçalves, a perguntar por que razão o contabilista não estava na AG.

«O Sr. Jaime tem trabalhado sobre uma pressão enorme. Ele disse-nos que iria fazer chegar o relatório anual de contas e os restantes documentos para a Assembleia-Geral e assim foi. Não é a primeira vez que ele não está presente numa AG. Não é por isso que esta Direcção vai deixar de ter as contas e os documentos para apresentar. (...) Trabalhamos com transparência e não andamos a esconder nada de ninguém. Estaremos sempre aqui para dar a cara», respondeu Cristóvão Gomes, antes de passar à apresentação do relatório aos associados.



«Em termos globais, o exercício de 2020 apresentou um volume de negócios de 134.657,62 euros, com um resultado líquido positivo de 23.262,37 euros. Verifica-se que os resultados do clube aumentaram em relação ao ano anterior, motivado pela diminuição dos gastos, nomeadamente financeiros e derivado ao estabelecimento de moratórias ao banco e de fornecimento de serviços externos pela inactividade durante a pandemia», explicou, acrescentando, que «o passivo do clube era de 593.826 mil euros e passou para 603.886.16».

As contas acabaram, no entanto, por ter parecer desfavorável do Conselho Fiscal, motivo que inviabilizou a votação do documento. Edgar Gonçalves sugeriu então que os três órgãos do clube (Mesa da AG, Conselho Fiscal e Direcção) reunissem nos próximos dias para esclarecer as dúvidas levantadas e marcar nova Assembleia-Geral – o que ainda não tinha acontecido até ao fecho da nossa edição.

Contudo, não deixou de apontar o dedo à «falta de organização» da Direcção. «O que aconteceu aqui é que mais uma vez as contas foram apresentadas de forma muito desorganizada, levantando dúvidas desnecessárias. Tem de haver mais rigor nesta casa», afirmou.

Intervenções inflamadas

Se até aqui os ânimos já estavam exaltados, a situação começou a ficar descontrolada com trocas de palavras entre os vários intervenientes, o que gerou uma autêntica anarquia na sala, aliada a um clima de grande tensão. O Presidente Adjunto, Domingos Silva, mostrou-se revoltado. «Estou no clube há muitos anos e nunca na vida ganhei um cêntimo por causa disso. Fiz parte de muitas Direcções e nunca duvidei dos Presidentes que por aqui passaram, sempre acreditei neles», atirou, dirigindo-se à Mesa, mais concretamente a Edgar Gonçalves, considerando que «é inadmissível este senhor pedir tantas explicações».

Seguiu-se, depois, a intervenção do Presidente, Olivier Silva, que num tom inflamado atirou: «Eu não vou ser candidato, “matai-vos” lá com o vosso Amares». De seguida, Olivier Silva e mais alguns elementos da Direcção abandonaram a AG.

Edgar Gonçalves prosseguiu com a reunião, mas sem conseguir dar seguimento aos restantes pontos da ordem de trabalhos: análise do balancete dos primeiros meses de 2021 e marcação e eleições para os órgãos sociais do clube.

Olivier volta atrás. «Vão ter de levar comigo»

Poucos dias depois, Olivier Silva utilizou os canais digitais do clube para fazer uma comunicação em que reiterou as críticas, mas, ao contrário do que tinha afirmado na Assembleia-Geral, manifestou a intenção de se recandidatar a um novo mandato. «Se estavam à espera que me despedisse de ser Presidente deste clube, estão enganados: vão ter de levar comigo», deixou bem claro.

Na comunicação de cerca de meia hora, Olivier apelidou José Manuel Faria de «chefe» do grupo de críticos e disse estar a ser vítima de «ataques pessoais», acusando Edgar Gonçalves de ser «um zero à esquerda». «No final da Assembleia-Geral, recebi quase 80 chamadas de sócios a pedir a destituição da Mesa, mas eu não quero isso. Quero que eles estejam

presentes na próxima AG – que deve ser marcada o mais rapidamente possível – para verem a contabilidade organizada», apontou.

O dirigente anunciou também que vai pedir uma auditoria às contas do FC Amares. «Vou pedir uma auditoria às minhas próprias contas, mas também do que está para trás», garantiu.

Nova AG ainda sem data

A nova Assembleia-Geral para discutir e aprovar o relatório e contas do clube e para agendar a marcação de eleições para os órgãos sociais ainda não tem data marcada. Antes disso, o Presidente da Mesa da AG pretende reunir com os três órgãos oficiais do FC Amares para que se repita o que aconteceu na última reunião magna.



GD PRADO

«Fazer parte deste grupo foi um privilégio»

Kiko está a cumprir o primeiro ano nos seniores do GD Prado

Francisco Costa, conhecido no mundo da bola simplesmente por Kiko, subiu esta temporada aos seniores do GD Prado, numa época atípica dominada pela pandemia que trouxe uma série de entraves ao normal funcionamento dos clubes e também dos campeonatos da AF Braga. «Vou-me adaptando», disse o jogador, com um sorriso tímido, quando questionado como

tem sido a sua passagem para o futebol mais adulto dos pradenses.

«Este é um campeonato muito competitivo, com boas equipas e jogadores maduros, com muita “raticé” no futebol. Temos de pensar mais rápido, pois existe mais pressão sobre o portador da bola. Como estava habituado a atacar mais, senti algumas dificuldades na ocupação dos espaços defen-

sivos, mas já estou melhor», contou, acrescentando que jogar com jogadores com a «experiência» e «qualidade» daqueles que compõem o plantel alvinegro ajuda muito.

«É um privilégio jogar com jogadores como o Pedro Pereira, o Diogo, o Paulo Ricardo ou o Bruno Silva, que têm mais anos de futebol do que eu de vida. Tive a sorte a subir no ano em que o Prado tem um plantel

recheado de grandes valores», anotou Kiko, que começou a dar os primeiros pontapés numa bola em Prado, mas depois mudou-se para o SC Braga.

«Joguei nos benjamins, infantis e iniciados do SC Braga, mas acabei por sair a meio da época, porque não estava a jogar. Falei com o “mister” Nuno Oliveira [ex-coordenador da formação] e decidi regressar. Não estou nada arrependido. Voltei à minha casa», afirmou.

Kiko jogou os primeiros minutos no jogo com o Santa Maria. Depois, Zé Nuno Azevedo entregou-lhe a titularidade como lateral direito. «Quando entramos existe sempre aquele nervosismo, mas quando a bola começa a rolar esquecemos tudo. Como já referi, não é difícil jogador com estes jogadores», adiantou. «Já joguei a extremo mas a minha praia é mesmo a lateral. Sou rápido, gosto de jogar no 1x1 e de atacar, mas sei que a minha principal função é defender», completou o lateral.

O sabor da primeira vitória

O GD Prado conquistou a primeira vitória no campeonato da Pró-Nacional na casa do Pousa. Um triunfo que na opinião do jovem jogador chega tarde. «Quem tem assistido aos nossos jogos sabe que já merecíamos esta vitória há muito tempo. O grupo estava consciente que era uma questão de tempo, é pena que a época ainda mal tenha começado e já esteja a acabar [falta apenas um jogo]. Esta era uma equipa para lutar pela subida se não fosse a pandemia», rematou.

Futuro Engenheiro Civil

Entrou este ano para a Universidade

Kiko entrou este ano para o Curso de Engenharia Civil, na Universidade do Minho, em Guimarães. O jogador conseguiu sempre aliar o futebol aos estudos com sucesso. «Nestas divisões sabemos que dificilmente vamos viver do futebol. Claro que tenho ambição e vou trabalhar para chegar mais acima, mas sempre ligado aos estudos, que muito provavelmente serão o meu futuro. Até ao momento, nunca senti dificuldades em conciliar as duas coisas», disse o jogador, de apenas 20 anos.



Sintético no início da próxima época

Direcção vai manter-se em funções

Miguel Gomes, Presidente do GD Prado, confirmou ao Desportivo que a sua Direcção vai manter-se em funções mais um ano. «Tinha dito que seria um ano de transição se as coisas normalizassem, o que não aconteceu. Acabou por não se fazer nada e como tal sentimo-nos na obrigação de continuar mais uma época», frisou o líder dos pradenses, deixando, no entanto, uma ressalva: «Se aparecer alguém que queria formar uma Direcção estamos aqui para ajudar e dar seguimento, pois

estamos a prazo».

Miguel Gomes mostrou-se confiante que a pré-época de 2021/21 já seja feita no novo sintético. «O concurso já se realizou e a obra já foi atribuída a uma empresa, estão agora na fase de fiscalização das candidaturas. Foi um processo longo, muito burocrático, mas contamos que no início da próxima época esteja pronto. Isso iria dar mais qualidade ao nosso trabalho e evitar muitas lesões aos nossos atletas, que é que mais nos preocupa», rematou.



LANK FC VILAVERDENSE

Hugo Santos deve candidatar-se a um novo mandato

Vilaverdense FC com eleições no dia 9 de Julho

O Vilaverdense FC vai votar no dia 9 de Julho para eleger os corpos sociais para o próximo biénio. Uma semana antes (dia 2 de Julho), os associados do clube vão analisar e aprovar o relatório e contas referente à época de 2020/21. Decisões tomadas na última Assembleia-Geral do Vilaverdense FC, realizada no dia 28 de Maio, que serviu ainda para uma breve análise da actividade da associação e apreciação da situação e económica/financeira, até ao dia 31 de Dezembro de 2020.

«Com a entrada do novo parceiro, o orçamento sofreu algumas alterações, devido à saída e entrada de jogadores e treinadores e também à redefinição dos objectivos para a época. No entanto, até esta data temos os compromissos todos em dia», garantiu Hugo Santos.

Quando à possibilidade de se recandidatar, o Presidente do Vilaverdense FC assumiu que gostaria de «dar continuidade» ao trabalho que foi desenvolvido nestes dois anos.

«Quando chegamos ao fim do primeiro mandato com os objectivos cumpridos é claro que pensamos em dar continuidade ao trabalho, até porque existem alguns projectos em mente e outros que não foram concretizados



Treinador está escolhido

Vai ser apresentado em breve

O departamento de futebol do Vilaverdense já escolheu o treinador que vai substituir Carlos Cunha no comando da equipa. Recorde-se que o técnico e a Direcção não chegaram a acordo para a renovação do contrato e decidiram seguir caminhos distintos para a nova época. O novo treinador,

que vai orientar a equipa no Campeonato de Portugal, já assinou um compromisso com o clube e o seu nome será divulgado muito em breve, assim como a entrada de renovação de alguns jogadores. A nova época da equipa do Lank Vilaverdense deve arrancar em meados de Julho.

devido à pandemia. O que posso dizer é que sinto um orgulho enorme em ter esta equipa comigo», frisou.

SAD entra em funções na nova época

Hugo Santos sublinhou ainda que a gestão da época ainda esteve sob alçada do clube, mas com a ajuda financeira do Grupo Lank. «Devido a alguns problemas burocráticos, a SAD foi constituída há pouco tempo mas apenas na época de 2021/22 é que a gestão das equipas seniores masculina e feminina e dos sub-19 ficam a cargo da SAD. Esta época ainda foi o clube a assumir a gestão, mas com a ajuda do nosso sócio da SAD», disse.

Tudo pago aos ex-jogadores

O dirigente garantiu que o clube cumpriu com o «compromisso de cavalheiros» que tinha com os jogadores que decidiram sair do clube no início da temporada. «Não tínhamos obrigações legais, pois foram eles que decidiram ir embora, mas tínhamos um compromisso de homens com eles e cumpriamos. Pagámos os quatro meses que tínhamos acordado, isto apesar de alguns deles terem atitudes menos dignas com o clube e esta Direcção nas redes sociais», atirou.

PUBLICIDADE

FORMAÇÕES FINANCIADAS

INSCREVA-SE

PRIMEIROS SOCORROS



COZINHA VEGETARIANA



GESTÃO DE STRESS



COZINHA E PASTELARIA



PEÇAS DECORATIVAS



FOTOGRAFIA E VÍDEO



Se está interessado(a), garanta a sua participação e inscreva-se:

917005322 // geral@aevh.pt // www.aevh.pt

Entidade formadora:

Cofinanciado por:



LANK FC VILAVERDENSE - INÊS MACEDO

«ESPERO CONCRETIZAR ESSE SONHO COM ESTA CAMISOLA»

Inês Macedo quer ajudar o Lank FC Vilaverdense a subir à Liga BPI



Inês Macedo chegou à equipa do Lank FC Vilaverdense para ajudar o clube a regressar à I Liga do futebol feminino português, de onde caiu na época de 2018/19. Um feito que está cada vez mais perto faltando apenas três jogos para o concretizar. A formação orientada por António Silva terminou o campeonato no segundo lugar, a dois pontos do Varzim, provável adversário nos dois jogos que vão decidir quem vai festejar a subida. No primeiro jogo das meias-finais do play-off de acesso à I Liga, o “Vila” ganhou em Grijó e no dia 6 de Maio recebe a equipa de Vila Nova de Gaia.

«Fiz apenas dois jogos com o Romariz, não marquei mas ajudei a equipa. Correu bem, ganhámos. O Grijó tem uma boa equipa, que nos pode causar problemas, temos de estar sempre muito concentradas para chegar à final. Aí, o Varzim deverá ser o nosso adversário, vai ser um jogo equilibrado, mas temos

valor para ganhar e chegar à I Liga. A equipa está toda focada nestes jogos», frisou a avançada, de 21 anos, que está no “Vila” desde Janeiro.

«Foi muito tempo a treinar sem competir, estávamos todas ansiosas para regressar à competição. Mas este período também foi benéfico para a equipa se conhecer melhor, pois entraram muitas jogadoras no mercado de Inverno que não conheciam a ideia de jogo do treinador. Penso que demos uma boa resposta nos dois jogos com o Romariz», anotou a jogadora, que encontrou no Vilaverdense uma ideia de jogo que se enquadra com a sua forma de jogar.

«Gosto da bola ao primeiro toque, jogo apoiado, entre linhas, com ataque posicional, embora muitas vezes também seja preciso procurar a profundidade. Foi esta ideia de jogo que encontrei aqui e com a qual me identifico perfeitamente, ao contrário do que aconteceu no Valadares de Gaia», apontou.

Definindo-se como «uma avançada mais móvel», que gosta «muito de se mexer dentro de campo», Inês considera que também é «perfeitamente capaz de jogar a 10», devido à «boa leitura de jogo» que possui e ao facto de estar completamente entrosada com as movimentações e as dinâmicas da equipa.

«Uma avançada vive de golos e espero marcar muitos com esta camisola», atirou a jogadora que espera regressar ao convívio das grandes equipas nacionais na próxima época. «Quando estava no Sporting ainda fiz alguns jogos na equipa principal, mas poucos, não deu para saborear bem o que é jogar na I Liga. Espero concretizar esse sonho na próxima época com a camisola do Lank FC Vilaverdense. No meu pensamento já lá estou [risos] mas ainda temos de ultrapassar alguns obstáculos para lá chegar», frisou a atacante, que nas juniores e equipa B do Sporting tinha uma média de um golo por jogo.

Título bem entregue ao Benfica

Apesar de o Sporting ter sido «mais consistente»

Inês Macedo acompanhou de perto o campeonato da Liga BPI, até porque a sua antiga equipa, o Sporting, estava na luta pelo título de campeão. A avançada diz que as leões foram mais consistentes ao longo do campeonato, mas reconhece que o Benfica foi mais forte no jogo que decidiu o título. «Quando o Sporting perdeu em Braga, o favoritismo passou para o Benfica, pois só precisava de um empate para ser campeão no último jogo, onde foi claramente superior, embora o Sporting tivesse sido a equipa mais consistente ao longo da época. Também esperava muito mais do SC Braga na luta pelo título», confidenciou a jogadora do Lank Vilaverdense.

«Aqui, sim, estou na minha praia»

Uma alfacinha à conquista do Minho



Inês Macedo é natural de Vila Franca de Xira mas vivia em Salvaterra de Magos, onde começou a dar os primeiros pontapés na bola no Atlético Povoense, numa equipa mista, tendo ainda passado pelo Clube Atlético e Cultural da Pontinha (CAC), antes de chegar ao Estoril Praia. As boas exibições rubricadas com a camisola das “cana-

rinhas” despertaram a atenção dos olheiros do Sporting. Macedo viajou para Alvalade na época de 2016/17 e permaneceu lá durante sete anos. «Foram bons tempos, aprendi muito, tanto nos juniores como na equipa B. Ainda cheguei a fazer alguns jogos na formação principal, mas poucos. No entanto, achei que estava na altura de deixar a minha zona de conforto e experimentar coisas novas», contou a atleta, que acabou por assinar pelo Valadares de Gaia. «O meu empresário, Ricardo, disse-me que havia a possibilidade de jogar no Valadares e decidi aceitar o convite». No entanto, a estadia em Gaia não durou muito tempo. «Não me consegui adaptar ao modelo de jogo e também a outros factores. Estive lá apenas meio ano e foi quando surgiu esta hipótese de vir para o Lank Vilaverdense. Aqui sim estou na minha praia, porque a ideia de jogo da equipa técnica enquadra-se na minha forma de jogar», disse.

PUBLICIDADE



VIANA&DIAS
40 anos a imprimir confiança

www.vianaedias.com



mail@vianaedias.com



www.facebook.com/vianaedias



Rua de São Gonçalo, 40 | 4730-475 Vila de Prado | GPS: 41.60963, -8.45975



253 927 181

DEPOIS DO ADEUS - DIOGO LEITE

Diogo Leite era sinónimo de golos. Foram muitos os que marcou ao longo de uma carreira que até começou como médio defensivo. Só nos juniores do Taipas descobriu a sua veia goleadora. No entanto, Diogo diz que era muito mais do que «o jogador que empurra a bola para a baliza».

Ainda se lembra de como começou a sua aventura no futebol?

Lembro-me muito bem. Foi um sábado, tinha eu 10 anos. O meu pai levou-me pela primeira vez a um treino de captações ao SC Braga, no Campo da Ponte. Para lhe ser sincero nem estava com muitas esperanças de ficar seleccionado.

Porquê?

Eram centenas de miúdos e muitas vezes mal tocamos na bola, ou seja, não temos oportunidade de mostrares o valor.

Mas acabou por ficar?

É verdade. Fiquei eu e mais dois ou três miúdos. No final do treino, o senhor Carlos Baptista chamou-me e disse-me que ia fazer parte da equipa de infantis. Tive a felicidade de entrar logo para um grande clube.

E quanto tempo ficou na formação do SC Braga?

Até ao último ano de juvenis.

Ficou desiludido quando lhe disseram que não contavam mais consigo?

Ficamos sempre tristes quando nos comunicam que não vamos continuar, ainda por cima num clube como SC Braga. Mas, sinceramente, era uma situação de que já estava à espera, pois na época seguinte iam terminar com as equipas B. Encarei isso com naturalidade.

Acabou por terminar a formação no clube da sua terra.

Sim, no CC Taipas. Fui muito bem recebido, também já conhecia alguns colegas que andavam comigo na escola.

Jogou sempre como ponta-de-lança?

Não. No SC Braga joguei sempre a 6 ou a 8. Tentava evitar os golos e depois passei a tentar marcá-los.

E quando começou isso?

No Taipas. Nos juniores não tínhamos grandes opções para a frente de ataque, o treinador dizia que eu tinha alguma qualidade técnica e decidi meter-me a jogar a ponta-de-lança. Logo na primeira época marquei perto de 30 golos. No segundo ano também fiz muitos e acabei por subir aos seniores.

«O balneário é incrível»

«Nem me recordo muito das vitórias ou dos títulos, recordo, sim, as vivências do balneário, o que se vive lá dentro é incrível. Contávamos histórias, falávamos das mulheres uns dos outros, sempre num ambiente saudável. Agora está todo concentrado nos telemóveis».

Na altura na II Divisão B.

Sim, era um campeonato muito competitivo. Os juniores do Taipas estavam nos



O DRAMA DO PENÁLTI E O TÍTULO EUROPEU DE UM MÉDIO QUE VIROU GOLEADOR

▶ ▶ Diogo Leite formou-se no SC Braga e no Taipas e passou 10 anos no Maria da Fonte

Districtais e foi um passo enorme. Olhavam para mim como um menino, apoiaram-me muito. Fui bem acolhido, mas não escapei à praxe.

«Era aquele respeitinho...»

O que lhe fizeram?

A primeira vez que fui treinar cheguei lá com o cesto da roupa na mão e não me deixaram equipar. Só quando todos saíram para treinar é que me fui equipar e já cheguei atrasado ao treino. O treinador já sabia o que se passava e começou a rir-se. Lembro-me que nesse ano tratava os jogadores mais velhos por senhor. Era aquele respeitinho...

E como foi o primeiro ano de sénior?

Não estranhei muito, porque no último ano de júnior já tinha jogado na equipa principal. Mas, nessa época (2000/01), o Taipas fez um plantel muito forte, era considerado o Sporting da III Divisão. Acabei por fazer poucos jogos, mas ainda estive no jogo da subida. Uma vez joguei a lateral e o César Peixoto fazia de mim uma "chiclete". Foi um ano de muita aprendizagem, cresci muito.

Quantas épocas ficou no Taipas?

Mais quatro anos. Na segunda época pedi para rodar noutra equipa, pois nessas idades é importante ter minutos de jogo. No entanto, no jogo com o Infesta, o "mister" João Cardoso deu-me uma oportunidade,

marquei o golo da vitória e, depois, passei a jogar com mais regularidade. O futebol é assim, tens de estar preparado. Infelizmente, lesionei-me, uma pubalgia, que hoje se cura facilmente, mas que na altura estávamos parados muito tempo. Acho que foram sete meses sem jogar.

O Nelo, o armadilhas

«Uma vez fomos jogar a Abrantes, para a Taça de Portugal, e o Luís Silva ficou no mesmo quarto do Nelo. Então ele disse-lhe que não se admirasse se visse alguém no quatro à noite a andar, pois era sonâmbulo. De noite começou a dar-lhe chapadas na cara, mandou móveis para o chão, fingiu que se ia atirar da janela. O Luís ficou encolhido, não saía de baixo dos cobertores e, com o medo, até fugiu do quatro. E o Nelo saiu atrás dele a rir-se que nem um perdido».

E depois?

No início da época, como vinha de uma lesão, não fui muito utilizado, mas depois trocámos de treinador e voltei a jogar com frequência. Fizemos a melhor classificação de sempre do Taipas na II B. Marquei 11 golos e tinha grandes expectativas, mas no ano seguinte acabámos por descer à III Divisão. Tínhamos grandes jogadores, mas não uma grande equipa.

Foi então que surgiu o Maria da Fonte.

A minha ida para o Maria tem uma história engraçada, porque na altura em que não estava a ser muito utilizado no Taipas eles mostraram-se interessados em contratar-me. No ano seguinte, existiu novamente essa possibilidade e como o meu avô materno era um adepto ferrenho do Maria da Fonte, porque a família do lado da minha mãe é da Póvoa de Lanhoso, fizeram alguma pressão para eu ir para lá.

Foi o clube onde jogou mais anos.

Foram 10 anos, pelo meio estive seis meses no Famalicão e outros seis no Vilaverdense. Foi um clube que me marcou muito. Passei a ser considerado um jogador da casa, o que me orgulha muito.

«Foi o ano em que mais me diverti a jogar»

E o que recorda dessas épocas?

No primeiro ano tínhamos uma equipa muito jovem e não fizemos uma grande temporada. Depois, com a entrada do Dinis Rodrigues, as coisas mudaram completamente. Não me recordo de estar em mais nenhuma equipa que jogasse um futebol tão atractivo, positivo e agradável. Esse foi o ano em que mais me diverti a jogar futebol.

Como surgiu o convite do Famalicão?

O clube tinha subido há dois anos aos Nacionais e tinha um projecto para levar a equipa até à Segunda Liga. Foi uma propos-



«Não era só o jogador do último toque»

Que avançado era o Diogo?

Diziam que era jogador do último toque, de meter a bola na baliza, mas era mais do que isso, acrescentava algo ao jogo, pois valorizava muito o colectivo. Penso que os extremos e os médios que jogaram comigo estão-me agradecidos, tinha sempre a preocupação de os servir em condições.

Era um jogador com golo. Isso era sinónimo de bons contratos?

Não me posso queixar! Claro que não fiz fortunas, nem deu para viver do futebol, mas sempre fiz bons contratos e mais im-

portante optei sempre pelo melhor para mim. Quando ia negociar contrato ou gostava da primeira proposta ou então não aceitava. Nunca negocie um contrato.

Como foram os dois anos no FC Amares?

No ano anterior, tinha perdido com eles pelo Serzedelo. Foi logo alvo de “chacota” (risos). No primeiro ano as coisas correram bem, mas o segundo foi mais difícil e acabámos mesmo por descer. Só tenho essa descida e uma no Taipas. No Maria foi no ano da reestruturação dos campeonatos.

Como surgiu essa veia de treinador?

Nunca tive ambição de ser treinador, gostava de continuar ligado ao futebol, mas até mais como dirigente. No entanto, no segundo ano no Amares, o “mister” Miguel Santos saiu no penúltimo jogo e eu o Hélder orientámos a equipa nas Taipas. Como estava tocado e não podia jogar fui eu que escolhi o onze e orientei a equipa. Gostei porque me senti parte integrante do jogo. No ano seguinte o Emiliano convidou-me para treinar a sua equipa e ainda lá estou.



ta aliciante que não podia recusar.

Pai sempre presente

«Se falhou alguns jogos foi quando estive a trabalhar em França. Mesmo quando ia à Madeira estava sempre na bancada a apoiar-me».



Diogo Leite terminou a carreira no CC Taipas

não era fácil conciliar as duas coisas e decidi regressar ao Maria, em Dezembro, onde estive mais três anos consecutivos. Com o Alberto Fernandes, o clube fez um investimento para subir de novo à II B. No entanto, penso que à 5ª ou 6ª jornada, disseram-nos que não iam ter dinheiro para pagar a alguns jogadores e que era melhor eles procurarem outro clube. Eu não estava incluído nesse lote, mas como alguns deles tinham vindo para o clube por minha causa decidi ser solidário e acabei por sair.

Chegou ao “Vila” castigado Foi quando jogou no Vilaverdense?

Sim, mas quando assinei ainda não tinha saído o meu castigo. Apanhei quatro jogos e disse aos dirigentes que estavam à vontade para rescindir, se assim o entendessem. Mas o “mister” Rogério Amorim quis ficar comigo. No final da época acabei por regressar ao Maria da Fonte e até perdi dinheiro.

Aí o clube já estava nos Distritais?

Sim, foi no ano que houve a reestruturação da III divisão.

«Se tivesse a visibilidade de hoje...»

Nunca surgiu a hipótese de jogar numa liga profissional?

Quando estava Taipas e no primeiro ano do Maria da Fonte, quando ainda não trabalhava, posso dizer que sonhava em chegar mais acima. Tinha valor para isso, jogaram lá jogadores piores do que eu, mas

outros muito melhores também não chegaram lá. Fiz épocas muito boas e penso que se o campeonato tivesse a visibilidade que tem hoje, certamente, podia ter dado esse salto. Muitas vezes digo aos meus jogadores que eles na última divisão têm mais vídeos de golos do que eu na minha carreira toda. Agora é muito fácil e ainda bem que é assim.

Golos aos Mirandela e República Checa Dos muitos golos que marcou, qual aquele que tirava do baú para rever?

Tenho um jogo que me marcou muito. No ano em que subimos à II Divisão pelo Maria da Fonte, estávamos a perder (1-0), aos 85 minutos, com o Mirandela. Tive a felicidade de marcar aos 86 e 88. Esse foi um jogo determinante para a nossa subida porque deu um novo fôlego à equipa e também à massa associativa. Depois, o golo que marquei na Taça UEFA das Regiões, frente à República Checa, no jogo abertura, no 1º de Maio, onde ganhámos 3-1 e que abriu a caminhada para o nosso título.

Foi o momento mais alto da sua carreira?

Posso dizer que sim. Aquelas três semanas de estágio foram do mais profissional que tive na minha carreira. A forma como fomos tratados pela AF Braga e pela UEFA foi espectacular. O Dito era de uma humildade fora do comum. Reuniu uma grande família. Fiquei muito triste quando soube da sua morte.

Penáti levou pai ao hospital



Avançado jogou dois anos no FC Amares

Qual o momento mais negativo?

O momento que mais me marcou pela negativa foi quando falhei um penáti, aos 94 minutos, frente ao Camacha com um jogador de campo na baliza. Acabámos por empatar 2-2 e descemos de divisão. Esse momento foi duro, mas passados uns meses, por decisão judicial, acabamos por não descer, mas sim o Camacha. O meu pai estava a ver o jogo e sentiu-se mal. Foi para o hospital com um princípio de AVC. Fiquei muito tempo sozinho no balneário, quando cheguei a casa tinha lá mais de 20 amigos, isso marcou-me muito. No ano a seguir não consegui marcar penáltis, mas depois passou-me.

Mas acabou por nem terminar lá a época. É verdade. Como já estava a trabalhar,

GDR RIBEIRA DO NEIVA - DIOGO PEREIRA

«É UMA GRANDE RESPONSABILIDADE SER PRESIDENTE DO RIBEIRA DO NEIVA»

▶ ▶ **Diogo Pereira sucedeu a Hélder Oliveira na presidência do clube**

Dioigo da Cunha Pereira, de 34 anos, administrador, natural de Carreiras S. Tiago, mas a residir na Lage, é o novo presidente do GDR Ribeira do Neiva. O clube encontrou assim uma solução tranquila para a sucessão de Hélder Oliveira na presidência. O ex-Vice-Presidente da anterior Direcção disse ao Desportivo que vai procurar dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos quatro anos, prometendo uma aposta «ainda mais forte na formação».

Como é que uma pessoa natural de Carreiras e residente na Lage, chega a Presidente do GDR Ribeira do Neiva?

É simples. Durante a minha passagem como director do Anais, clube pelo qual guardo um grande carinho, trabalhei com o Carlinhos, que era o treinador da equipa. Na época seguinte, saí e, entretanto, o Hélder Oliveira e o Carlinhos decidiram formar uma equipa sénior no Ribeira do Neiva para entrar no campeonato da INATEL. Na altura, o Carlinhos disse ao Hélder que a pessoa ideal para os ajudar era eu. Então, reunimos e ele apresentou-me o projecto que tinha idealizado para o clube. Gostei do que ouvi e foi assim que cá entrei há cinco anos. Por isso, a minha história está um pouco ligada aos últimos cinco anos do Ribeira do Neiva. Fui o Vice-Presidente do Hélder e agora vou fazer este mandato como Presidente.

Foi uma decisão fácil de tomar ou isso tirou-lhe algumas horas de sono?

Tive de ponderar algumas coisas antes de tomar uma decisão, porque é uma

grande responsabilidade ser Presidente de um clube como o Ribeira do Neiva. Primeiro, é preciso ter disponibilidade e para isso tive de conversar com os meus irmãos, meus sócios na empresa, para saber se me ajudavam. Depois, reuni com toda a estrutura do clube. Queria saber se estavam comigo e se me acompanhavam neste projecto. O “feedback” foi muito positivo e todos me garantiram que se eu avançasse iriam ajudar. Desde Dezembro que o Hélder me andava a dizer que eu era a pessoa da confiança dele para dar continuidade ao projecto.

Outro dos aspectos que me ajudaram a decidir foi os laços de amizade e a cumplicidade que fui construindo ao longo destes cinco anos com os atletas seniores, da formação, directores e adeptos. As pessoas apoiam muito o clube, são bairristas e isso também me ajudou a avançar para

a presidência. Conheço bem a realidade do clube mas agora serei a pessoa que terá de dar a cara e a responsabilidade é muito maior. Isso preocupa-me um pouco e a verdade é que perdi umas horitas de sono e decerto vou perder muitas mais.

Os membros dos órgãos sociais mantiveram-se todos? Entrou mais alguém?

As pessoas fizeram questão de me acompanhar. Mas fazia sentido resgatar outras que já tinham estado no clube, como o Elísio Araújo, que vai ser o Presidente da Mesa da Assembleia-Geral e também vai fazer parte da coordenação geral, assim como mais duas ou três pessoas.

Vai mudar muita coisa na estrutura do clube?

Todas as pessoas sabiam a função que tinham dentro da estrutura e como fica-

ram quase todas não vejo necessidade de mudar quase nada. Claro que há sempre coisas a melhorar todos os anos. Vamos procurar dar continuidade a este trabalho e se possível torná-lo ainda melhor.

Quais as prioridades mais emergentes?

Neste momento, a nossa prioridade foi abrir o bar e retomar com os trabalhos na formação, que arrancaram com as captações no dia 3 de Junho. Também tivemos de fazer a manutenção nas piscinas para a época balnear que está aí à porta.

Que ideias tem então para a formação?

Essa vai ser a nossa grande aposta. Não quero com isto dizer que já não o fosse, mas queremos ter mais atletas em todos os escalões, queremos que o clube seja conhecido pela sua formação e que no futuro alimente a equipa sénior, pois estamos numa zona geográfica que não nos favorece.

Vão avançar para a certificação?

Esse processo parou um pouco devido à pandemia e também pelo facto de termos encerrado todas as actividades desportivas durante esta época. Mas vamos retomá-lo, pois queremos ser um clube certificado. O futuro passa por aí.

E futebol feminino?

O clube já teve uma equipa mas nunca esteve federada. Para já não temos nada em mente, mas se surgir a oportunidade, por que não?

Aposta no ciclismo

Clube mais eclético

Depois do “Off Road Neiva TT” e do Ribeira Trail, o GDR Ribeira Neiva vai apostar numa equipa de ciclismo de estrada. A revelação foi feita pelo novo Presidente do clube. Diogo Pereira quer que o clube seja cada vez mais eclético. «Temos um grupo de 18 pessoas que costuma andar de bicicleta e já conversamos no sentido de eles se juntarem ao nosso clube. Penso que é um projecto com pernas para andar», frisou.



«Um passo em falso pode deitar tudo a perder»

Regressar à Honra com os «pés assentes no chão» e sem «loucuras»

Sem loucuras e com os pés bem assentes na terra. É desta forma que Diogo Pereira quer marcar o seu mandato na presidência do Ribeira do Neiva. O novo Presidente do clube tem consciência que o lugar da equipa sénior é na Divisão de Honra, mas também diz que isso não o vai fazer «perder a cabeça».

Financeiramente assusta-o assumir o leme de um barco já com esta dimensão?

Não me assusta, desde que não se dê passos errados. Muitas das coisas do clube passavam pelo Hélder, por mim e pelo João Nuno e as pessoas nem se apercebiam disso. Por isso, a minha preocupação foi reunir com toda a estrutura para que as pessoas tivessem a noção do que envolvia o clube na sua totalidade e do que poderá ser o biénio 2021/23. O clube está sustentável, não devemos nada a ninguém, não temos buracos financeiros, mas esta é uma nova etapa, uma nova realidade e vamos ter de ir com algumas cautelas. Estivemos parados uma época, não sabemos como vai ser a realidade após a pandemia, se os patrocinadores vão continuar a apoiar o clube. Eu acredito que sim, mas de qualquer das formas temos de ter muitas cautelas porque vamos entrar numa nova realidade.

Tem mais algum projecto para as infra-estruturas?

Durante os últimos cinco anos, a nossa Direcção, liderada pelo Hélder, conseguiu fazer muitas coisas. Arranjámos os acessos, construímos mais balneários, fizemos o bar e a bancada, entre outras coisas. Mas sabemos que este complexo ainda tem margem para crescer. Por outro lado, também pensamos que não pode ser uma obra somente para futebol. Existe um projecto para o parque de estacionamento que con-



templa um campo de voleibol e um de futebol de praia. É uma obra que temos em mente, mas também não sabemos se irá ser concluída neste mandato. O que eu sei é que a obra que fizemos durante estes dois mandatos está à vista de todos.

É um legado pesado. Isso preocupa-o?

Ao longo da minha vida tenho assumido alguns projectos arrojados, mas este foi o que me levou a ponderar mais tempo se devia aceitar ou não, porque é uma

grande responsabilidade e o medo de errar também é grande. O clube está num patamar muito elevado, o que nos vai obrigar a trabalhar ainda mais para o manter nesse nível. Sei que vou perder muitas horas de sono, que me vai obrigar a pedir ajuda a muita gente. Quando reuni com as pessoas da estrutura do clube disse-lhes que não ia para Presidente para ganhar estatuto. Sou apenas mais um para ajudar, aliás espero que todos sejamos uma solução para o clube, pois só assim conseguiremos levar o

barco a bom porto.

Desportivamente o seu foco é colocar de novo o clube na Divisão de Honra?

Como todos sabem, a anterior Direcção do Ribeira do Neiva, da qual fazia parte, tomou uma decisão, ponderada, de não participar no campeonato da Divisão de Honra. Como consequência, a nossa equipa desceu para o último escalão dos campeonatos da AF Braga. Pela estrutura, pela massa adepta e tudo que envolve o clube, na minha opinião, o lugar do Ribeira do Neiva é na Divisão de Honra, mas isso não me vai fazer entrar em loucuras. Se surgir uma oportunidade de subir vamos lutar por ela, mas não vamos viver obcecados com isso. Vamos continuar a caminhar com os pés bem assentes no chão, pois um passo em falso pode colocar em causa o trabalho que fizemos ao longo destes cinco anos. Vamos ser ambiciosos mas sem entrar em loucuras.

Vai convidar o treinador para continuar?

Pela relação que o Zequinha tinha com as pessoas do clube e pelo trabalho que estava a realizar, a minha obrigação é convidá-lo a continuar a orientar a nossa equipa sénior na próxima época. Aliás, já o convidei.

Dois jogadores (Rafa e João Pereira) assinaram pelo Cadelas. Não teme perder mais jogadores?

Sinceramente não. Somos um clube humilde mas cumpridor e quem gosta do clube vai regressar. Agora, tenho a noção que será mais complicado formar a equipa até pela quantidade de clubes que a nossa região tem a competir na I Divisão. Mas estou tranquilo, sempre tratámos bem os jogadores, cumprimos com eles e é justo que regressem.

«Aqui as pessoas sentem a camisola»



O que diferencia o Ribeira do Neiva dos outros clubes?

Quem faz o clube são as pessoas que trabalham aqui diariamente apenas por carolice e também porque têm amor ao clube. Isso é que faz crescer estes clubes amadores. É importante que o clube não perca a sua identidade. O clube é dos adeptos, das pessoas da terra e terá de continuar a ser assim no futuro. As pessoas aqui vestem e sentem a camisola. Isso é o que nos diferencia dos outros.

Órgãos sociais do GDR Ribeira do Neiva

MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Presidente | Elísio Araújo
Secretário | Vítor Gomes
Relator | Jorge Martins

CONSELHO FISCAL

Presidente | Manuel Azevedo
Secretário | Vítor Gomes

Relator | Jorge Martins

DIRECÇÃO

Presidente | Diogo Pereira
Vice-Presidente | José Pereira
1.º Secretário | Margarida Lopes
2.º Secretário | Armindo Vieira
Tesoureiro | Rosa Azevedo

VOGAIS

Amadeu Pinheiro, Paulo Pereira, Jorge Vieira, António Vieira, António Miranda, Vítor Pinto, José Martins, Luís Rocha, Diana Leitão, Carla Lopes, Sérgio Cunha, Paulo Rodrigues, Mário Vieira, Bruno Pereira, José Ferreira e João Durães



Órgãos sociais do Ribeira do Neiva tomaram posse no dia 21 de Maio

GD CALDELAS

Domingos Lima, de 59 anos, foi eleito, no dia 22 de Maio, Presidente do GD Caldelas. Sucede a João Abel, numa troca de cadeiras pacífica, tranquila e com a promessa de dar continuidade ao «bom trabalho» desenvolvido pela anterior Direcção, na qual desempenhava o papel de Vice-Presidente.

Domingos Lima conhece bem os cantos àquela que já é a sua «segunda casa». Há 20 anos que faz parte da família caldelense, onde já vivenciou bons e maus momentos, mas sem nunca virar a cara à luta de uma causa que considera como sua.

O novo líder do GD Caldelas explicou ao Desportivo por que decidiu avançar para a presidência. «O João Abel tinha feito uma promessa à mãe que no fim deste mandato ia deixar a presidência do clube, magoado com alguns caldelenses. Eu então disse-lhe que ficava, mas se ele colaborasse comigo. Ele disse que sim e decidi formar uma lista aos órgãos sociais», contou Domingos Lima, que manteve quase todos os elementos que são «uma mais-valia» para o clube.

O recém-eleito Presidente garantiu ainda que o GD Caldelas não vai mudar a linha que o orientou durante a vigência de João Abel e que o rigor financeiro vai continuar com imagem de marca no seu mandato. «Não vai ser um Caldelas diferente, vamos dar continuidade ao trabalho desta Direcção. O clube está bem a todos os níveis. Por que haveríamos de mudar? Aliás, o rigor financeiro vai continuar a ser a nossa imagem de marca, não vamos entrar em loucuras», apontou.

Domingos Lima garantiu ainda que o clube está «financeiramente estável» e que espera continuar com ajuda de João Abel para levar o barco a bom porto. «Não vai ser fácil, mas vamos trabalhar para não falhar com ninguém. Para isso conto com a ajuda do meu amigo João Abel, que é uma pessoa muito importante no clube. Vamos inverter um pouco os papéis: eu era o seu braço direito e agora ele vai ser o meu. Vai



► ► Domingos Lima sucede a João Abel na presidência do GD Caldelas

correr tudo bem, porque apesar de termos tido as nossas divergências nunca deixamos que isso influenciasse a nossa amizade, que já vem quase do berço», atirou.

Manter equipa na Honra

Desportivamente, o novo Presidente do Caldelas quer uma equipa ambiciosa a lutar pelos primeiros lugares na Divisão de

Honra e não descarta uma possível subida ao maior escalão da AF Braga. «Queremos manter-nos nesta divisão e lutar pelos lugares cimeiros. Se existir uma possibilidade de subir penso que até seria bom para o clube e para a Vila de Caldelas. Se isso acontecer não vamos descartar essa possibilidade, mas sem nunca dar um passo maior do que a perna», frisou.

Todos a remar para o mesmo lado

Não existem divisões no clube



Domingos Lima garantiu ainda que os sócios, os habitantes da Vila de Caldelas e as instituições, como a Junta de Freguesia e Município de Amares, têm contribuído para o crescimento do clube ao longo destes anos. «Os associados têm pago as quotas mesmo sem poder assistir aos jogos. Não posso esquecer a grande contribuição que a Junta tem dado ao clube. Tanto eles como a Câmara têm sido uns grandes parceiros do Caldelas, assim com alguns dos nossos patrocinadores que mesmo nesta crise pandémica nunca nos deixaram de apoiar como foi o caso do senhor José Costa», garantiu o dirigente.

Vitinho convidado a renovar

Satisfeito com o treinador e jogadores

Domingos Lima já convidou Vítor Magalhães (Vitinho) para continuar à frente da equipa na próxima temporada. O Presiden-

te do Caldelas diz que está satisfeito com o trabalho da equipa técnica. «Estou muito contente com o trabalho que esta equipa

técnica tem desenvolvido e já os convidei a renovar. Também gostava de manter a espinha dorsal da equipa», explicou.

Órgãos sociais do GD Caldelas**ASSEMBLEIA GERAL****Presidente**

José Manuel Fernandes Almeida

1º Secretário

João Manuel Rodrigues Pereira

2º Secretário

Nuno Miguel Machado Vivas

CONSELHO FISCAL**Presidente**

Pedro José Carvalho de Araújo

1º Secretário

Gustavo da Rocha Veloso

2º Secretário

Paulo Abílio Rodrigues

DIRECÇÃO**Presidente**

Domingos Fernando Soares de Lima

Vice-Presidente

João Abel Machado de Freitas Sousa

Secretária

Carina Oliveira de Sousa

Tesoureira

Marlene Lima

Director de Campo

António da Silva Martins

VOGAIS

Ilídio de Jesus Gonçalves Palhares

Raúl Manuel Barros Laranjeira

Cândido Manuel Pereira de Barros

Fernando Jorge Ribeiro Fernandes

Bruno Miguel Sousa Almeida

Cristóvão Manuel Faria Veloso Lopes

CDRC AMARENSE

A arte de conseguir ser protagonista com muito poucos recursos

Filipe Lopes é o novo campeão regional do CDRC Amarense

Filipe Lopes é mais um atleta a despontar no Clube Desportivo Recreativo e Cultural (CDRC) Amarense. No mês de Maio, sagrou-se campeão regional juvenil, no lançamento do dardo, com um alcance de 45.10m.

«Sinceramente, não estava à espera de tanto, mas acabou por recompensar o esforço de tantos meses de treino em condições muito complicadas», contou

ao Desportivo o atleta, de 17 anos, que entrou para o atletismo há cinco anos.

«Treino de segunda a sexta-feira no complexo e um dia por semana tenho de me deslocar ao Estádio 1.º Maio para fazer o treino mais prático com o dardo. Infelizmente, não temos as melhores condições em Amares para a prática do atletismo», lamentou Filipe Lopes que também já praticou voleibol e futebol. «Neste momento, estou apenas focado

no atletismo. Vamos ver como correm as coisas no futuro», frisou.

A estreia de Ricardo

Ricardo Costa foi outro atleta do clube amarense que participou nos regionais, na pista Gémeos Castro, em Guimarães. Na sua primeira competição oficial, o atleta lançou o dardo a uma distância de 20,17m, obtendo o 7.º lugar na competição. «Estava um pouco nervoso, pois era

a minha primeira prova, esperava um pouco mais, mas até não correu muito mal», disse o atleta, que entrou há dois anos para o atletismo. «Este era o desporto que sempre me suscitou interesse. Já fiz outras disciplinas técnicas, lançamento de peso, salto em comprimento e velocidade, mas foi no lançamento do dardo que me adaptei melhor», confidenciou.



«Isto começa a cansar e a desanimar toda a gente»

Projecto para a pista de atletismo está há décadas na gaveta

Martinho Antunes é um dos grandes impulsionadores do atletismo no Concelho de Amares. O agora Vice-Presidente do CDRC Amarense disse ao Desportivo que a modalidade já passou por «melhores dias» e que a crise pandémica obrigou o clube a entrar em «serviços mínimos».

Também a falta de condições para os atletas treinarem está a levar o dirigente quase ao desespero. Uma situação que se arrasta há muitos anos e que está a fazer perder a «paciência» aos responsáveis da colectividade amarense.

«Estar a incentivar miúdos a virem para o clube e depois apresentar-lhe este espaço não vale a pena. Estas são disciplinas muito técnicas e tens de ter contacto com a pista, por isso é que vamos a Braga uma vez por semana, pelo menos, para ter contacto com a pista e fazer os lançamentos. Estamos há anos e anos à espera que se construa a pista de treino», lamenta o dirigente, acrescentando que o clube «para mobilizar jovens tem de dar condições e infelizmente basta olhar para este local» para perceber que não existem.

«Fala-se em projectos, mais uma ideia, mas andamos nisto há décadas. Por exemplo, para treinar velocidade temos de ir para a estrada. Para termos contactos com a pista temos de ir para o 1.º Maio. Começamos a desanimar, a ficar cansados, porque são muitos anos de espera. Infelizmente isto não é futebol...», atirou Martinho Antunes, que neste momento tem oito atletas e apenas três deles em competição.

«Há 40 anos, quando decidimos avançar com este projecto, tínhamos mais de

40 atletas, porque não havia mais nada. No entanto, agora existe uma diversidade de oferta muito grande e, se não tens condições para oferecer, os jovens procuram outras actividades. Sinceramente, nesta altura nem me preocupo em estar a tentar cativar atletas porque depois não tenho condições para lhe oferecer», frisou.

Impulso ao atletismo

Martinho Antunes lembra que o clube tem um espaço reservado no complexo desportivo para fazer uma pista que poderia dar um novo impulso ao atletismo

federado e recreativo.

«O projecto que temos pode dar um forte incentivo ao atletismo porque o que queremos criar naquele espaço não é apenas uma pista de treino para as disciplinas técnicas. Queremos fazer um centro de marcha e corrida, onde as pessoas possam a partir daqui ter uma série de circuitos para praticar de uma forma informal. Queremos fazer um ginásio ao ar livre para que as pessoas possam praticar desporto. Seria um centro de actividade física, pois iríamos ter a parte federada e outro espaço aberto à comunidade», explicou o Vice-Presidente do CDRC Ama-

rense, que mesmo com estas condições tem conseguido formar atletas que já conquistaram títulos regionais, distritais e nacionais.

«Precisamos de 100 mil euros. Era menos dinheiro, mas todos os anos vai aumentando. Infelizmente ainda não se encontraram formas para que o projecto saia do papel. Não tenho nada contra o futebol, mas às vezes com menos dinheiro podíamos colocar muito mais gente a praticar desporto, pois nem todos os jovens gostam de futebol. Devia haver uma oferta mais diversificada no Concelho», completou.



Filipe Lopes



Ricardo Costa

CN PRADO - MARIA GOMES

Depois de ter experimentado o futebol, o futsal e a natação, Maria Gomes decidiu aventurar-se na canoagem. A experiência correu tão bem que passados 10 anos continua no CN Prado. «O que me apaixonou? Sem dúvida o contacto com a água e também por ser uma modalidade ao ar livre, diferente daquelas a que estamos habituados», disse.

Mas o momento que mais tocou e inspirou a jovem canoísta para uma carreira que promete ser de grande sucesso foi o Campeonato da Europa de Maratona. «A primeira prova que vi ao vivo foi do Ramalho, em 2013, no Europeu, em Prado. Estava apenas há dois anos na canoagem. Nesse dia comprei a minha primeira pagaia e disse que um dia queria ser como ele. É um dos meus ídolos dentro e fora da água. Agora é o meu treinador, o que é fantástico», contou. «Também gosto muito do João Ribeiro, é uma referência na velocidade. Tive a sorte de conhecê-los», acrescentou Maria Gomes, de apenas 18 anos, natural de Merelim S. Pedro.

«O CN Prado acolheu-me aos oito anos, posso dizer que é a minha segunda casa, tem uma boa estrutura, que nos oferece condições para podermos desenvolver o nosso trabalho», frisou.

Versatilidade e muitos pódios

Maria Gomes tem a facilidade de tanto ganhar uma medalha nos 200 ou 500 metros como ser campeã nacional de maratonas, por exemplo. É esta versatilidade dentro da água que lhe dá muitas alegrias na canoagem. «Na época passada fiz pódios em todas as distâncias e espero fazê-lo também este ano. Enquanto conseguir vou continuar assim», garantiu a canoísta, que tem feito uma escalada positiva ao longo desta década. «Os primeiros anos não foram proveitosos nos monolugares. Lembro-me que o primeiro título que ganhei até foi em tripulações (K4), em 2012. Depois, com o passar dos anos, comecei a despontar em K1, mas os títulos só começaram a surgir em 2018, quando mudámos de treinador. Fui campeã nacional de maratonas em K2 e K1 e este ano tenciono revalidar o título em casa, na categoria de sub-23», frisou a atleta.

Esta época, Maria já conseguiu uma final A nos 500m (K1) e um 6.º lugar nas sub-23, com um recorde pessoal. A canoísta revalidou ainda o título de campeã regional de fundo, depois de ter fechado o ano de juniores em grande. «No ano passado consegui revalidar o título de Campeã Nacional de Maratona, venci o Controlo Nacional de 2000m e o Campeonato Regional de Fundo, fui Vice-Campeã Nacional de 200m e terminei em terceiro lugar nos 500 metros (do Campeonato Nacional de Velocidade) e nos 5000m (Campeonato Nacional de Fundo)».

Europeu e Mundial nos horizontes

Os objectivos imediatos de Maria Gomes passam pelo apuramento para o Campeonato do Mundo de Velocidade, que se vai disputar no Centro de Alto Rendimento (CAR) de Montemor-o-Velho em Julho, e também o Europeu na Rússia. «Sei que estou a competir com atletas com mais experiência, com uma



O EXEMPLO DE RA FEZ DESPONTAR U

► ► *Maria Gomes soma pódios em todas as distâncias da canoagem*

maturidade competitiva elevada, muitas delas são atletas olímpicas. Porém, não vejo isso como um obstáculo, mas sim com uma motivação para aprender e evoluir com elas. São referências na modalidade, é um prazer enorme competir com elas, mas podem contar que vou estar na água para lhes dar luta», avisou.

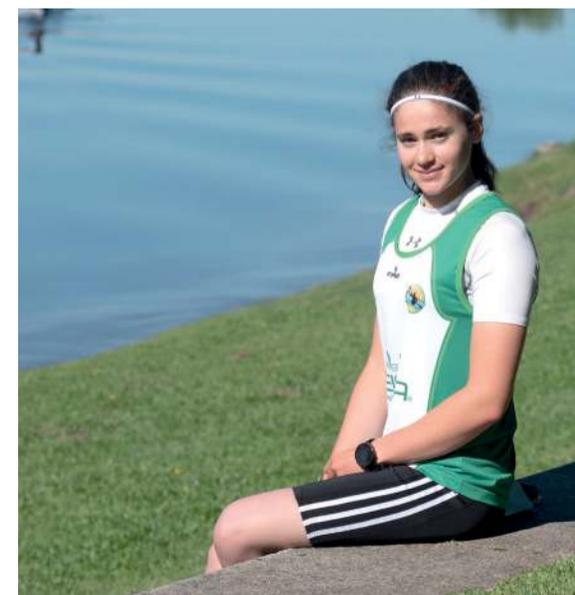
Paris ao virar da esquina

Os olhos de Maria Gomes ganham outra expressão quando falamos dos Jogos Olímpicos. «Claro que gostava de representar Portugal no maior evento desportivo do Mundo. Quem não gostava? Esse é o sonho de qualquer atleta. Não posso negar que os olhos estão virados para Paris, pois falta menos de um ciclo olímpico para os Jogos. Não vai ser fácil, mas estou a trabalhar para tentar lá chegar», disse.



**O CN PRADO
ACOLHEU-ME AOS OITO
ANOS, POSSO DIZER
QUE É A MINHA
SEGUNDA CASA**

“



↳ Inspiração

«A primeira prova que vi ao vivo foi do Ramalho, em 2013, no Europeu, em Prado. Estava apenas há dois anos na canoagem. Nesse dia comprei a minha primeira pagaia e disse que um dia queria ser como ele. É um dos meus ídolos dentro e fora da água e agora é o meu treinador, é fantástico».

MALHO QUE MA CAMPEÃ

“Velha” conhecida nas selecções

A casa da Selecção Nacional, em Montemor-o-Velho, não é um sítio estranho para Maria Gomes. A canoísta do CN Prado tem um percurso feito nos escalões de formação e pretende afirmar-se agora nas seniores. «Tenho participado em alguns está-

gios da Selecção Nacional de Velocidade desde cadete e tenho duas presenças na Selecção Nacional de Maratona. A Selecção é um espaço de aprendizagem, de convívio e é também uma fonte de grande motivação», explicou.

Do rigor de Américo à tranquilidade com Ramalho

Ao longo destes 10 anos, Maria Gomes já conviveu com alguns treinadores. A canoísta lembra que todos foram importantes na sua ainda curta carreira, mas destaca o contributo dos últimos dois para o seu crescimento e do próprio clube. «Com o Américo ganhámos rigor e disciplina, que são sempre muito

importantes em qualquer desporto. O Ramalho veio dar-nos a tranquilidade de que precisávamos. É um atleta muito experiente, sabe muito sobre a canoagem, é um grande complemento, bem como a Rita que também tem um papel muito importante no nosso crescimento fora da água», lembrou.



Maria Gomes entrou com média de 18,5 em Economia

Nacional de Maratonas em Prado

Nos dias 12 e 13 de Junho

O CN Prado vai acolher o Campeonato Nacional de Maratonas para as categorias de veteranos, juniores e seniores. A prova, que vai reunir mais de 400 atletas oriundos de 40 clubes, vai disputar-se no fim-de-semana de 12 e 13 de Junho. Na manhã de sábado (12) vão para a água os juniores e veteranos (C1 e K1) e na parte da tarde vai assistir-se à corrida dos seniores (C1 e K1). No domingo de manhã, entram em acção os juniores e veteranos (C1 e K2) e de tarde as embarcações dos seniores.

A equipa do CN Prado, constituída por 24 canoístas, ostenta o título de campeã nacional e a jogar em casa vai querer certamente revalidar o título nacional, sendo José Ramalho o principal candidato ao primeiro lugar em K1.

Praia fluvial interdita
Neste fim-de-semana a praia fluvial do Faial vai estar interdita ao público, que também não poderá assistir às provas, uma vez que decorrerão à porta fechada de acordo com as indicações da Direcção-Geral da Saúde.

Sucesso no desporto e nos estudos

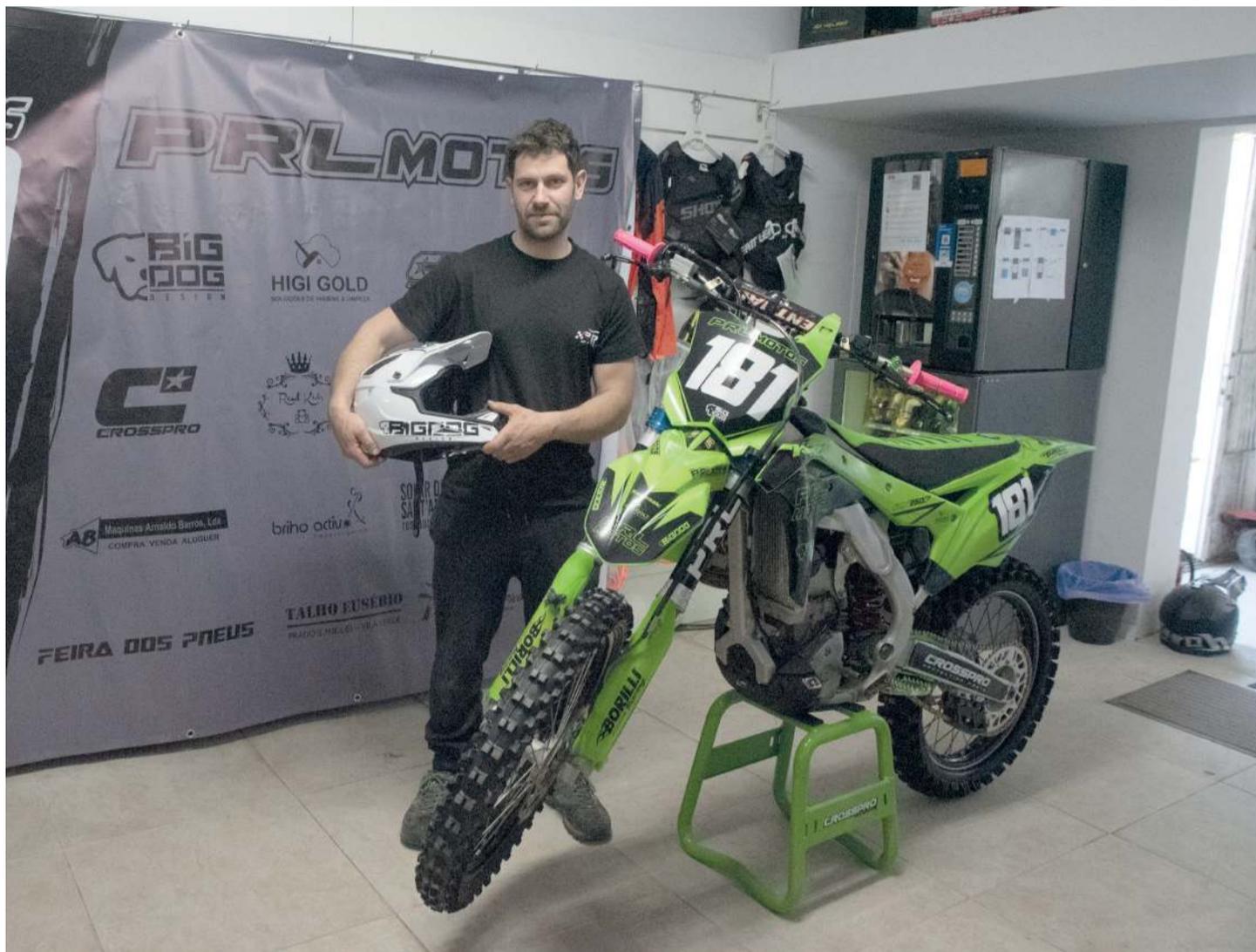
Maria Gomes entrou este ano para a Universidade. A canoísta terminou o Secundário com uma média de 18,5 valores, o que lhe permitiu entrar no curso e na universidade que pretendia: Licenciatura em Economia na Universidade do Minho. Um bom exemplo de como o desporto e os estudos podem caminhar de

mãos dadas e com muito sucesso. «Não posso dizer que tenha sido fácil conciliar as duas coisas, mas como sou muito organizada tenho conseguido ter sucesso tanto nos estudos como na canoagem. Tenho sido uma aluna de excelência e vou continuar a sê-lo na universidade», afirmou.

MOTOCICLISMO - PAULO LOPES

«Quando comecei a competir já devia estar no topo»

► ► Piloto de Vila Verde compete no Campeonato Regional e no Troféu Norte



Paulo Lopes tem uma grande paixão pelas motos, mas as circunstâncias da vida só aos 26 anos é que permitiram que este sonho se transformasse numa realidade. «Quando comecei a competir já devia estar no topo», contou ao Desportivo o piloto, natural de Vila Verde.

«Nunca tive oportunidade de competir a sério, fazia apenas passeios, porque a vida não o permitia, mas sempre fui um apaixonado por motos. Nesta modalidade a partir dos 30 anos não se aprende mais nada. Lembro-me que quando co-

mecei nem via os buracos, hoje vejo todos os obstáculos que vão surgindo ao longo da pista, ganhamos em experiência, mas perdemos outras faculdades. Perde-se a adrenalina do perigo», completou.

Paulo Lopes participa no Campeonato Regional de Pentacontrol e no Troféu Norte, duas provas organizadas pela Federação de Motociclismo de Portugal (FMP). Na primeira prova deste ano, que se disputou na Quinta da Azenha, em Lustosa, o piloto vilaverdense, de 36 anos, levou a sua Kawasaki 250 F ao segundo lugar da geral no Campeonato Regional.

«No primeiro dia da prova ia em terceiro, caí e baixei para sétimo, mas no domingo arranquei melhor e andei sempre em segundo com uma grande vantagem do terceiro, que era o primeiro da geral. Só que a duas voltas do fim já me sentia muito cansado, ele era mais jovem e com mais treinos. Tinha medo de cair e perder o segundo lugar da geral. Então deixei-o passar. Podia arriscar para manter o segundo e até ficava empatado com o primeiro, mas tinha vantagem por ter vencido a primeira manga. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar», fri-

sou o piloto, que gostava de manter, pelo menos, este lugar até ao fim do campeonato.

Quanto aos treinos, Paulo Lopes vai fazendo conforme a sua disponibilidade de tempo e também física. «Para ser um bom piloto é preciso dinheiro, mas essencialmente tempo para treinar. Esta é uma competição muito exigente fisicamente. Só para terem uma noção, segundo uma revista norte-americana da especialidade, um piloto profissional nunca baixa a pulsão dos 150. Não treino sempre moto para não ficar muito cansado para as provas, porque não sou profissional e o trabalho também é duro. Muitas vezes treinava à semana e depois chegava às provas exausto, porque não há tempo de recuperar. Por outro lado, também procuro não desgastar o material», anotou.

«Dá para as despesas»

Paulo Lopes garantiu ainda que entrar num campeonato não fica «assim tão caro» como a maioria das pessoas pensa. O piloto diz que se não entrar em loucuras dá sempre para as despesas. «Se uma prova for muito longe, em vez de dormir num hotel, fico na carrinha, se não tiver uma moto nova tenho uma usada. A licença fica por 160 euros. Depois, em cada prova podemos gastar em média 70 euros mais 15 para a inscrição. Se não ficar abaixo dos cinco primeiros lugares ganhamos sempre 100 euros. Por isso, dá quase sempre para as despesas. Claro que não podemos andar a trocar de pneus em todas as corridas nem de kits de plásticos novos. Andamos consoante as nossas possibilidades», disse o piloto, que também conta com alguns apoios. «Este ano consegui mais alguns devido ao facto de estar a trabalhar por conta própria. Depois, também tenho o apoio de algumas pequenas empresas que gostam da modalidade e vão ajudando como a PRL Motos, Hgi Gold Higiene, Big Done Design, CrossPro, Máquinas Arnaldo Barros, Artesanato Conceição Pimenta, Funerária do Pico, Feira dos Pneus, Restaurante Solar Sant'ana, Dry Age in the 6ix, Dorés Vilela Inova, Talho Eusébio, Brilho Ativo, Pico Florista e Realkids».

«Não querem saber dos pilotos para nada»

Críticas à Federação de Motociclismo de Portugal

Paulo Lopes considera que o desporto de duas rodas perdeu algum protagonismo em relação a outras modalidades devido à inércia da Federação de Motociclismo de Portugal (FMP). «Ninguém sabe quando vamos ter corridas, às vezes os pilotos só sabem quase em cima da hora. Na última corrida, na Lustosa, soubemos apenas duas semanas antes. Também deviam fazer um protocolo com uma televisão para transmitirem as provas, nem que fosse em diferido», frisou, acrescentando que o organismo que tutela o motocross «não quer saber dos pilotos para nada».

«A Federação tem dinheiro à nossa custa mas não querem saber dos pilotos para nada. Por exemplo, aumentou o preço das inscrições em cinco euros, mas não atribuiu prémios no campeonato nacional. Por isso é que os melhores pilotos preferem andar de bicicleta do que entrar no campeonato. Sei que atravessamos uma fase complicada devido à ausência de público, mas mesmo assim a FMP deve ter dinheiro para pagar prémios por pouco que fosse. Só as inscrições davam para os prémios», disse.



Paulo em ação no campeonato regional

SÃO PAIO D'ARCOS - ALEX

«GANHAR SETE JOGOS CONSECUTIVOS»

▶ ▶ Alex está a cumprir a sexta época no São Paio d' Arcos

Alexandre Oliveira Barbosa, ou simplesmente Alex, é o capitão da equipa do São Paio d' Arcos, que deixou todo o mundo de boca aberta como a campanha feita no campeonato da Pró-Nacional, ao conseguir ganhar sete jogos consecutivos e manter-se na luta pelo primeiro lugar até ao último suspiro do campeonato. «Sei que este campeonato foi atípico, vai terminar no fim da primeira volta, mas ganhar sete jogos consecutivos não é para qualquer equipa. Penso que é mesmo inédito. Foi incrível», contou o guarda-redes de 34 anos.

Acreditava se lhe dissessem no início da época que o SP Arcos iria lutar pela subida?

Obviamente que não. O nosso foco era ganhar o máximo de jogos possíveis para garantir o mais rapidamente a manutenção. Lembro-me que até éramos apontados como candidatos à descida. Sei que este campeonato foi atípico, teve muitas paragens e vai terminar ao fim da primeira volta, mas ganhar sete jogos consecutivos na Pró-Nacional não é para qualquer equipa. Aliás, não sei as estatísticas, mas penso que é mesmo inédito. O SP Arcos nunca conseguiu sete vitórias seguidas, foi incrível. É pena não ser muito valorizado pelo facto de termos ganho cinco jogos seguidos, depois o campeonato parou mais de três meses e na retoma vencemos mais dois.

E qual o segredo?

O segredo é o trabalho e a união de grupo. Sabemos que esta época tem sido atípica, mas as condições foram iguais para todos os clubes. Parámos durante mais de três meses, mas os “meninos” – é assim que gosto de os tratar – não descuraram a parte física. Treinámos sozinhos em casa para que, quando retomássemos os jogos, os índices físicos, de concentração

e a qualidade de jogo se mantivessem. E foi isso que aconteceu. Apenas sofremos uma derrota, após a retoma, em Forjães, pesada, e que nos tirou do primeiro lugar. Nada se consegue sem trabalho e alegria.

«Muita tranquilidade»

No balneário chegou a falar-se na subida aos Nacionais?

Não. Viveu-se sempre com muita tranquilidade. Aqui ninguém coloca pressão, nem a Direcção, nem o treinador. A mensagem foi sempre a mesma: jogo a jogo e garantir a manutenção o mais rápido possível. Depois logo se via. Claro que na conversa, uns com os outros, íamos comentando que podíamos fazer história no clube, mas dentro do grupo nunca se tocou nesse assunto.

O vosso treinador disse no final da derrota em Forjães que acontecesse o que acontecesse vocês eram os verdadeiros campeões. Concorda?

Assino por baixo. Com os poucos recursos que temos, a jogar sempre fora de casa, ganhar sete jogos seguidos é obra. É pena que seja numa época atípica e que as pessoas dêem pouco valor a isso. Mas, sim, somos os verdadeiros campeões.

«Divirtam-se a jogar»

Teve como treinador o Dinis Rodrigues e agora é treinador pelo filho. Existem muitas diferenças entre os dois?

A forma de trabalhar é diferente, agora a postura, os princípios e os valores que tentam passar aos jogadores são idênticos. O “mister” Xavier tem apenas mais nove anos do que eu, mas tem uma escola incrível. Tem muitos anos de balneário, jogou em muitas equipas profissionais e depois ainda teve a escola de casa com o seu pai. Gosta de dar tranquilidade, é rigoroso, disciplinador, mas justo com os jogadores. Para além disso gosta de jogar

bom futebol. Mas uma coisa que os caracteriza aos dois é a alegria e a tranquilidade que passam para o grupo. O Xavier é como o pai, que nos dizia sempre “divirtam-se a jogar e não se preocupem com o resto”. Isso entrou de tal forma na cabeça dos jogadores que eu noto uma alegria em todos os jogos.

E o Alex também continua a ter alegria a jogar?

Claro que sim. Quando perder a alegria, a motivação de treinar e de me divertir sou o primeiro a dizer adeus ao futebol. Já não vou para novo, estou cada vez mais perto da reforma [risos] e se com todos estes sacrifícios não me divertir sou o primeiro a dizer chega, porque o fundamental para mim é sentir-me bem e divertir-me naquilo que faço. Gosto muito de jogar e se perder essa alegria é o começo do fim.

«A influência do futsal»

Tem uma facilidade incrível a jogar com os pés. Foi muito treino ou é inato?

Olhe, tive a sorte de jogar futsal e não foi a guarda-redes.

E como foi parar ao futsal?

Joguei na EPB (Escola Profissional de Braga) que na altura ia formar uma equipa. Um dia fui fazer uns treinos em Cervães perto do meu trabalho e o treinador, Bruno Oliveira, que tinha sido meu preparador físico na equipa B do SC Braga gostou e convidou-me a ficar. Isso ajudou-me muito a nível técnico e tático. Abriu-me outros horizontes e a perceber melhor o jogo. Bebi muito do meu jogo com os pés no futsal.

Hoje em dia isso é uma mais-valia.

Antigamente, o guarda-redes só servia para defender a baliza e mandar a bola para a frente. Hoje em dia, é o primeiro atacante e já nascem muitos golos dos pés dos guarda-redes. O futebol está a evoluir a um ritmo estonteante e cada vez mais vai ser importante os guarda-redes tratarem bem a bola.

Futuro treinador?

Costuma ser muito interventivo dentro do campo. Estamos perante um potencial treinador quando pendurar as luvas?

Muitas pessoas dizem que eu tenho características para ser treinador principal pela exigência que coloco nos treinos e nos jogos para com os meus colegas, só que para ser treinador temos de adquirir muitos conhecimentos e ter muita experiência. Não sei se irei optar pela carreira de treinador principal ou não. Gosto muito da parte de treino dos guarda-rede e ajudar os meus colegas ou os jovens a evoluir poderá ser também uma hipótese, pois já tenho várias formações. É uma coisa ponderar, mas ainda penso jogar mais alguns anos.



Alex está a cumprir a sexta época no SP Arcos



OS NÃO É PARA QUALQUER EQUIPA»

«O grande mérito é da Direcção»

SP Arcos está há cinco anos na Pró-Nacional

O SP Arcos subiu à Pró-Nacional na época de 2015/16 pelas mãos de Miguel Magalhães e a partir daí conseguiu manter-se sempre no maior escalão da AF Braga e com o mérito de nos últimos anos ter projectado vários jogadores para os campeonatos nacionais.

Alex diz que é importante ter jogadores com qualidade, mas que os grandes obreiros são as pessoas que trabalham diariamente no clube.

«Ano após ano, saem sempre muitos jogadores e a equipa consegue-se renovar, manter a mesma qualidade e o mesmo patamar. Aqui há grande mérito das Direcções e de quem trabalha diariamente no clube. Existe um grande ambiente, união e amizade, o que faz com que o clube se mantenha todos estes anos na maior divisão da AF Braga e a projectar jogadores para os Nacionais», apontou o guarda-redes de 34 anos.



Equipa do SP Arcos é uma das surpresas da Pró-Nacional

Alex foi várias vezes internacional

Durante a formação no SC Braga

Onde fez a sua formação?

Fiz a minha formação no SC Braga, treinei muitas vezes com a equipa B e fui internacional nos escalões de sub-15, 16 e 18.

Chegou a ter sonhos nessa altura? Podia ter chegado mais longe no futebol?

Se trabalhasse mais, se fosse mais resiliente, acredito que podia ter chegado mais longe, mas o destino foi este. Nessa altura, para mim era normal estar numa das melhores formações de Portugal, ir jogar com os jogadores do Benfica, FC Porto e Sporting. Não tinha bem a noção do privilegiado que era e das oportunidades que me estavam a ser dadas. Mas se calhar também não fui bem acompanhado. Era um adolescente e tinha as minhas brincadeiras, mas não tinha comportamentos desviantes. Nada garante que tivesse uma carreira melhor, foi este caminho, era assim que tinha de ser. Mas a minha carreira

tem umas histórias engraçadas.

Como assim?

Olhe, no meu último ano de juniores foi quando o SC Braga terminou com a equipa B. Nesse ano tínhamos uma boa equipa e estava previsto subirem alguns jogadores, eu era um deles. Depois, no meu primeiro ano de seniores, com 19 anos, fui jogar para o Limianos, na III Nacional. Quando cheguei lá encontrei um clube na ruína, com pouco dinheiro e com muito fracas condições de trabalho. No ano seguinte, estava a

desesperar por uma resposta do meu empresário, que me estava sempre a dizer: “Vais para aqui e para acolá”. No fim não apareceu nenhuma proposta. Tive de pedir ao SP Arcos para me deixar lá jogar para não perder a minha forma física. No ano seguinte, o empresário desapareceu.

E depois?

Depois, pensei em deixar o futebol. Tinha 21 anos, não era rico e tinha de começar a trabalhar para ganhar dinheiro. Foi então que comecei a trabalhar e surgiu o futsal.



«Estes foram os meus ídolos»

Quim, Eduardo e Rego

Quais os guarda-redes que mais o influenciaram na sua carreira?

Nunca olhei para grandes ídolos. As minhas inspirações foram aqueles com quem treinei durante a formação e na equipa B do SC Braga: o Quim, o Eduardo e o Rui Rego. Bebi muito do trabalho deles durante os treinos e dos jogos que assistia. Por exemplo, a capacidade de treino do Eduardo ou a leitura do Rego. Esses influenciaram-me porque treinei com eles. Agora temos outros de que gostámos de ver jogar, como o Vítor Baía, um dos melhores de Portugal.

Canção de Ivete Sangalo serve de hino

Com que palavras descrevia esta equipa?

Ambiciosa, trabalhadora e alegre. Temos uma música da Ivete Sangalo, que se chama “Alegria” que é o nosso hino. Passa sempre antes dos jogos. Se não nos divertirmos, não andamos no futebol a fazer nada, tal como na vida também.

FORJÃES - MOREIRA

«Estou a viver a melhor fase da minha carreira»

Moreira encontrou em Forjães a estabilidade emocional e exibicional

Aos 27 anos, Moreira está a viver um dos momentos mais entusiasmantes da sua carreira de futebolista. Foi no Forjães que o médio se reencontrou novamente com o futebol que um dia o fez sonhar com voos mais altos. Sonhos que se foram desvanecendo, com o passar dos anos, até conhecer Carlos Viana. «As pessoas não fazem ideia do quanto o “mister” percebe de futebol», disse o médio na entrevista ao Desportivo, quando faltavam dois jogos para terminar o campeonato.

Como surgiu a oportunidade de jogar no Forjães?

Foi o treinador adjunto que me fez a primeira abordagem e depois o “mister” Carlos Viana contactou-me. Conversámos e ele disse-me que tinha um projecto para subir o Forjães e gostava de contar comigo para o concretizar.

A decisão de sair do GD Prado foi sua?

Na altura, o GD Prado vivia um momento de indefinição pois tínhamos ficado em segundo e havia a possibilidade de subir aos Nacionais. Entretanto, a Direcção decidiu que se fossem convidados não iam aceitar. Mas como estavam nessa indefinição achei melhor sair, também porque surgiu o convite do Forjães.

Não está arrependido?

Não estou nada arrependido, antes pelo contrário, acho que foi a melhor decisão que podia ter tomado. Estou numa boa equipa, orientada por um grande treinador, dos melhores que já tive. Estou a gostar ainda mais de jogar futebol.

Pode-se dizer que está a viver o melhor momento da sua carreira?

Penso que sim. Quando era miúdo tinha grande potencial, mas, entretanto, entre os 22 e 25 anos andei um pouco perdido. Quando fui para o Brito tinha grandes ambições, mas uma lesão afastou-me dos relvados por um longo período de tempo. Agora, no Forjães voltei



Moreira chegou ao Forjães na época passada

a reencontrar-me com o futebol. Posso dizer que é a melhor fase da minha carreira.

Esta ideia de jogo favorece-o?

Antes de chegar ao Forjães jogava a oito ou médio direito interior. Mas acho que neste sistema tenho mais liberdade de acção. Jogo atrás do ponta-de-lança, que tanto pode ser o Pauleta, o Nuno Simões ou o Mano, o que permite fazer muitas assistências. Não sou um jogador de correr muito, de batalhar, e este sistema favorece-me. Tenho de agradecer ao “mister” que viu no estilo de jogo capacidades para desempenhar este lugar.

E como têm corrido estes dois anos em Forjães?

Têm corrido bem. Este treinador percebe muito de futebol e colocou a equipa a jogar bem, um futebol positivo, atractivo o que nesta divisão não é muito habitual. Para mim isso é muito bom, pois gosto de ter bola no pé, jogar entre linhas. Ele é rigoroso tacticamente. No primeiro ano, queríamos andar nos primeiros lugares e tínhamos eliminado o Pavidém nos quartos-de-final da Taça. As coisas estavam a correr bem até aparecer a pandemia.

Têm sido tempos difíceis?

Não tem sido fácil devido a esta longa

paragem, mas até não senti muitas dificuldades, pois temos um bom professor de Educação Física e começamos com um treino progressivo. Durante a paragem tínhamos um plano de treino bem delineado e todas as semanas tínhamos de apresentar resultados. No reatamento do campeonato ainda não perdemos qualquer jogo e estamos na luta pelo primeiro lugar. Não sei se vão ser atribuídos ao Dumense os três pontos do jogo com o Marinhãs, mas vamos continuar na luta. Temos de acreditar até ao fim. Estamos numa boa fase, vamos esperar que o Dumense empate um jogo.

«Não esperava encontrar um clube tão grande»

Moreira diz que existem condições para subir



O Forjães tem potencial para dar um passo em frente?

Sinceramente, não estava à espera de encontrar um clube tão grande. Eles costumam dizer que não lhes dão muito crédito porque estão distantes, mas que têm lá tudo. E é verdade. Tem uma Direcção bem estruturada, um clube organizado, com grandes condições, e uma grande massa adepta. Era uma pena este clube não subir, pela qualidade do plantel, pelo trabalho desenvolvido pelas pessoas e pelo valor do treinador. Ele tem uma grande capacidade de liderança, foi capaz de unir toda a equipa, essa é a nossa força, porque qualquer jogador vibra da mesma forma, seja titular ou não.

E o Moreira ainda pensa chegar aos Nacionais?

Claro que sim. Tenho 27 anos e mais meia dúzia de anos para jogar. Era bom chegar lá com o Forjães.

Formou-se no Braga e Merelinense José Pedro Castro Moreira e Silva, conhecido no mundo da bola por Moreira, iniciou a sua carreira no SC Braga, onde jogou até aos iniciados. Depois, foi no Merelinense que completou a sua primeira fase de formação, tendo-se estreado como sénior na equipa principal da formação bracarense. Celeirós, Vieira, Brito e Prado foram outros dos clubes que o acolheram até chegar ao Forjães na época de 2019/20.

RALLY DE PORTUGAL



Nas falhas da Hyundai, emergiu a segurança da Toyota

▶ ▶ **Elfyn Evans venceu a 54ª edição do Rali de Portugal**

Carlos Costa

Elfyn Evans e a Toyota Gazoo Racing venceram o Vodafone Rally de Portugal, garantindo a sua quarta vitória na carreira no Campeonato do Mundo de Ralis da FIA, depois de uma derrota por fracções de segundo na rodada anterior.

O galês subiu para o segundo lugar na classificação de pilotos e está a dois pontos do companheiro de equipa Sébastien Ogier, que a lidera.

Depois de um domínio inicial da Hyundai, com os três carros da marca a liderarem, Thierry Neuville desistiu no penúltimo troço do dia deixando um Evans muito rápido intercalado entre Ott Tanak e o espanhol Dani Sordo.

Na ronda do segundo dia do rali, a mesma saga: Tanak sempre em alta e Evans a tentar acompanhar com Sordo sempre na cola. Mas a repetição do primeiro dia atirou Tanak para a desistência, também no penúltimo troço do dia e aí, para a parte final, apenas Evans e Sordo poderiam, em condições normais, discutir a

vitória.

No último dia, Evans arrancou decidindo a vencer e somou logo uma margem de tempo que sem qualquer sobressalto lhe garantia a vitória.

Na especial final, a Power Stage em Fafe, onde os desistentes da Hyundai estiveram presentes para tentar angariar pontos, limitou-se a gerir a liderança, alcançando assim a vitória.

Dani Sordo, na segunda posição, acabou por minimizar as perdas da Hyundai, sendo a derradeira posição do pódio

ocupada pelo campeão do mundo em título, Sébastien Ogier, que, em Portugal, foi uma sombra daquilo a que nos habituou em termos de andamento.

Uma agradável surpresa o quarto lugar do japonês Takamoto Katsuta que, com um andamento vivo e intenso, chegou a ameaçar a posição de Ogier. A dupla da M-Sport Ford, Gus Greensmith e Adrien Fourmaux, acabou em quinto e sexto nos Fiestas. Ambos perderam tempo com problemas no acelerador e Fourmaux perdeu mais tempo num giro do pri-

meiro dia, mas o quinto lugar igualou o melhor desempenho de Greensmith no WRC.

No WRC 2, Esapekka Lappi, em VW Polo GTI R5, venceu seguido de Temmu Suninen em Ford Fiesta R5 e na WRC 3 Kajto Kajetanowicz, em Skoda Fabia Evo, conseguiu uma vitória suada sobre Johan Rossel, em Citroën C3 R5.

A categoria júnior foi para o letão Martin Sesks, em Fiesta R4, e na Copa Peugeot Rally Cup Ibérica a vitória sorriu a Alejandro Cachón.



Classificação do Mundial de Ralis

	Piloto	Pontos
1.º	S. Ogier	79
2.º	E. Evans	77
3.º	T. Neuville	57
4.º	O. Tanak	45
5.º	K. Rovanner	41

	Marca	Pontos
1.º	Toyota	183
2.º	Hyundai	146
3.º	M-Sport	64

Supremacia de Armindo Araújo entre os portugueses

Apenas cinco pilotos terminaram o Rali de Portugal



O campeão Armindo Araújo (Skoda Fabia Evo) terminou o Rali de Portugal como o melhor representante luso, considerando, no final da prova, que teve uma «prestação perfeita».

«Foi um rali em cheio para nós, que correu muito bem desde o início. Logo na sexta-feira, conseguimos vencer para o campeonato nacional e passámos para a frente da competição e ainda vencemos a “power stage”. Depois, nos dois dias seguintes, não cometemos erros, controlámos os nossos adversários na luta pelo melhor português, conseguindo criar um fosso grande. Foi um rali perfeito para nós», disse à agência Lusa o piloto natural de Santo Tirso. Armindo Araújo, que na classifi-

cação global da prova terminou no 19.º posto entre os 44 participantes que concluíram o rali, elogiou a sua equipa pela «boa preparação do carro» e deixou uma palavra especial ao apoio que sentiu por parte do público.

«Foi um rali com uma atmosfera muito boa. Sentia-se que as pessoas estavam com vontade de vir para a estrada e mostrar o apreço por este desporto e pelo evento. Mas, ao mesmo tempo, com respeito pelas normas de segurança», venceu o detentor do título nacional de ralis.

Apenas cinco chegaram ao fim

Além de Armindo Araújo, apenas mais quatro pilotos portugueses terminaram este rali, já que Bruno

Magalhães (Hyundai i20), depois de ter sofrido problemas mecânicos no último dia foi forçado a abandonar. José Pedro Fontes, com o Citroën C3, abandonou depois de ter capotado, o bracarense Miguel Correia teve uma saída de estrada e João Fernando Ramos capotou.

Assim, Paulo Neto (Skoda Fabia) foi o segundo melhor português, terminando a prova no 24.º posto da geral, sendo o pódio nacional complementado pelo estreante André Villas-Boas (Citroën C3), que foi 33.º entre os 44 carros que terminaram a prova.

Hélder Miranda encerrou o lote de portugueses tripulando um Renault Clio RS, acabando no 35.º lugar da geral.

RALLY DE PORTUGAL



«Uma chapada de luva branca»

► ► **Carlos Barbosa, Presidente do CAP, elogiou comportamento do público**

Carlos Costa

Carlos Barbosa, Presidente da Automóvel Clube de Portugal (CAP), entidade organizadora do evento, disse que o comportamento do público no Vodafone Rali de Portugal foi, durante toda a competição, «uma chapada de luva branca» a quem não acreditava que seria possível organizar a prova devido à pandemia.

«É uma chapada de luva branca que se dá a quem não acreditava que nós conseguimos fazer um rali no meio da pandemia, no meio da confusão», afirmou o Presidente do Automóvel Club de Portugal (ACP).

Carlos Barbosa disse que «estão de parabéns os autarcas e a GNR», mas, «sobretudo, o público» que acompanhou o Vodafone Rally de Portugal, com o dirigente a assinalar que houve menos espectadores este ano, o que considerou positivo.

«Os espectadores que temos estão bem espalhados. As próprias zonas espectáculo foram alargadas. Em sítios em que, no ano passado, havia grande concentração nas encostas, agora parece que não está lá ninguém», acrescentou.



Treinador cumpriu sonho

André Villas-Boas de princípio a fim do rali



André Villas-Boas, o mediático treinador português de futebol, cumpriu o seu sonho de participar num Rali de Portugal. Tripulando um Citroën C3 Rally 2 da equipa Sports&You, Villas-Boas participou e terminou o rali deste ano na terceira posição entre os portugueses, foi 32º da geral e 12º na categoria Rallye 2. Em declarações à Lusa, o treinador/piloto revelou que, no salto da pedra sentada, na classificativa de Fafe, fechou os olhos e esperou que tudo corresse bem. «Acabámos por fazer um

bom salto, o carro ainda “picou o nariz”, mas caímos bem. Fartamo-nos de rir pois foi a realização de um sonho de muitos anos, foi o momento alto da prova», referiu.

Quanto à sua prestação, André Villas-Boas disse ainda que «foi duro», mas mostrou-se satisfeito. «Conseguimos terminar, que era o objectivo e estou muito satisfeito», sublinhou. Considerou ainda cumprido o objectivo de divulgar o movimento “Race for Good”, que apoia causas solidárias em Portugal e no estrangeiro.

Português na equipa da vitória

Os triunfos dos últimos anos têm tido quase sempre intervenientes portugueses. Ford, Hyundai, VW e Toyota sempre tiveram nas suas equipas elementos portugueses, ligados ao carro vencedor, normalmente os mecânicos. Agora foi o mesmo o engenheiro de Elfyn Evans, que é português, neste caso Rui Soares. O vencedor do Rali de Portugal não se esqueceu dele e referiu-o em afirmações à agência Lusa. «O meu engenheiro é português e por isso era muito especial para ele vencer em casa. Estou muito satisfeito por lhe dar essa recompensa pelo árduo trabalho que ele faz por mim», enalteceu o piloto.



Nem tudo foram rosas no que diz respeito a pneus

A Pirelli assumiu este ano o fornecimento dos pneus para o WRC e estreou-se nas provas em terra no nosso rali. E, ao que parece, ainda com alguma dificuldade para servir da melhor maneira as potentes máquinas num piso desgastante como a terra portuguesa. Que o diga Sebastien Ogier, que esteve longe de acertar na escolha, o que o levou a fazer uma prova bastante apagada, e também a maior parte das equipas, com as borrachas a degradarem-se bem depressa, como é exemplo o estado em que se apresentava um dos pneus do espanhol Dani Sordo.



Vêm aí os híbridos para 2022



Quando os actuais carros do Mundial de Ralis (WRC) terminarem a Power Stage da última prova do campeonato do mundo de ralis deste ano, os amantes da modalidade terão ouvido, pela última vez, a sonoridade dos motores exclusivamente de combustão interna.

As equipas já têm em fase de testes os novos carros, como é o caso da M-Sport (Ford), da Toyota e da Hyundai. Os novos carros de rali híbridos irão assumir o lugar dos actuais World Rally Cars (WRC), prevendo-se também um reforço da sua segurança com a aprovação de novo “roll bar”.